

ADILSON AZEVEDO SILVA

UMA VERSÃO INÉDITA DA HISTÓRIA DAS REVOLUÇÕES 1961 E 1964

O perigo do comunismo na América Latina

Os planos da CIA para desmoralizar Jango

A verdade sobre a renúncia de Jânio Quadros

O dilema crucial da oficialidade

Leonel Brizola – Um agente da CIA

Jango, um bobo na corte

Gal. Castelo Branco, um herói nacional

Uma versão inédita da história das revoluções
1961 e 1964

Adilson Azevedo Silva

2ª edição

Editora Delasylvio LTDA.

Campinas – SP

2020

Dados internacionais de catalogação da
publicação (CIP)

Silva, Adilson Azevedo Silva

Uma versão inédita da história das revoluções - 1961 e 1964
Adilson Azevedo Silva – 2ª edição – Campinas-SP:
Editora Delasylvio LTDA, 2020

Bibliografia

ISBN.....

1 – Política – Forças Armadas

I – Autor. II - Título

Copyright 2020 © by Adilson Azevedo Silva

Coordenação: Adilson Azevedo Silva

Arte da capa: Adilson Azevedo Silva

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte do livro pode ser utilizada, reproduzida ou armazenada sob qualquer processo ou meio, seja mecânico ou eletrônico, fotocópias, gravação ou correlatos, sem a prévia permissão do autor.

Editora Delasylvio LTDA

E-mail: delasylvio@hotmail.com

ACESSO GRATUITO

A Editora Delasylvio disponibiliza todos seus livros, gratuitamente, através do site:

Site: adilsonazevedosilva.com.br

Dedicatória

Dedico este livro à memória de meu saudoso tio e padrinho João Pupo Nogueira, oficial da reserva do Exército Brasileiro, que foi um segundo pai para mim, amigo e conselheiro. Foi ele que me incentivou a cursar o CPOR – Centro de Preparação dos Oficiais da Reserva em São Paulo nos anos de 1959 e 1960, eis que defendia que deveríamos dar o melhor de nós para a grandeza da pátria.

Adilson Azevedo Silva

Agradecimentos

Agradeço a Deus por me dar a vida e a saúde, para poder escrever este livro,

Campinas, janeiro de 2020

O autor.

Sobre o autor

O autor é 2º tenente R/2 de artilharia do Exército Brasileiro. Estava cumprindo estágio no 2º Can 40 antiaéreo de Barueri-SP, quando eclodiu a revolução de 1961, tendo dela participado.

Concluiu o XIII CEPE – CICLO DE ESTUDOS DE POLÍTICA E ESTRATÉGIA, promovido pela ADESG de Campinas, na qual, posteriormente, ocupou o cargo de Diretor.

Formado em Administração de Empresas, trabalhou 28 anos na Exxon do Brasil, onde ocupou vários cargos de gerência.

Por onze anos presidiu o Sindicato de Minérios e Derivados de Petróleo de Campinas e Região, tendo ocupado também o cargo de Diretor Tesoureiro da Federação do Estado de São Paulo.

Sumário

Sobre o Autor	6
Capítulo 1	12
O SURGIMENTO DO COMUNISMO NA AMÉRICA LATINA	12
Capítulo 2	14
A EVOLUÇÃO DO COMUNISMO NO BRASIL	14
Capítulo 3	18
A IMPORTÂNCIA DO BRASIL NOS RUMOS DA AMÉRICA LATINA	18
Capítulo 4	19
OS ESTADOS UNIDOS E A AMEAÇA DO COMUNISMO NO BRASIL	19
Capítulo 5	22
A AGÊNCIA AMERICANA DE INTELIGÊNCIA (CIA) PLANEJOU AS DUAS REVOLUÇÕES DE 1961 E 1964.....	22
Capítulo 6	23

A AMEAÇA DE JANGO GOULART SE TORNAR PRESIDENTE DO BRASIL EM 1964	23
Capítulo 7	25
A CIA PLANEJOU PARA QUE O JANGO ASSUMISSE COMO PRESIDENTE LOGO EM 1961, ANTES QUE PROMOVESSE GRANDES VÍNCULOS COM AS NAÇÕES COMUNISTAS	25
Capítulo 8	26
A RENÚNCIA DO PRESIDENTE JÂNIO QUADROS EM 1961.....	26
Capítulo 9	28
A RECUSA DOS MINISTROS MILITARES QUANTO A EMPOSSAR JANGO COMO PRESIDENTE	28
Capítulo 10	29
A REVOLTA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL E DO 3º EXÉRCITO – A REDE DA LEGALIDADE.....	29
Capítulo 11	31

A DIVISÃO DAS FORÇAS ARMADAS	31
Capítulo 12	33
O DILEMA CRUCIAL DA OFICIALIDADE DE TER QUE DECIDIR QUE LADO APOIAR	33
Capítulo 13	36
A DECISÃO DO AUTOR	36
Capítulo 14	39
O QUE ACONTECEU APÓS DECIDIRMOS POR NÃO LUTAR CONTRA O 3º EXÉRCITO	39
Capítulo 15	46
O DIA A DIA DO AUTOR, DURANTE O CURTO PERÍODO DE DURAÇÃO DA REVOLUÇÃO DE 1961 (17 DIAS)	46
Capítulo 16	51
COMO TERMINOU A REVOLUÇÃO DE 1961	51
Capítulo 17	52
COMO JANGO CONSEGUIU A VOLTA DO REGIME PRESIDENCIALISTA.....	52
Capítulo 18	53

COMO O GOVERNADOR BRIZOLA ATUOU PARA A QUEDA DO PRESIDENTE JANGO	.53
Capítulo 19	55
A CONTRIBUIÇÃO DAS FEDERAÇÕES E DOS GRANDES SINDICATOS DE TRABALHADORES PARA A QUEDA DE JANGO	55
Capítulo 20	58
JANGO, UM BOBO NA CORTE	58
Capítulo 21	61
OS ÚLTIMOS DIAS DO GOVERNO JANGO	61
Capítulo 22	62
AS TROPAS DE JUIZ DE FORA ASSUMEM O PODER NO RIO DE JANEIRO	62
Capítulo 23	63
O GRANDE GENERAL CASTELO BRANCO ASSUME O PODER	63
Capítulo 24	64
O ASSASSINATO DO GENERAL CASTELO BRANCO	64

Capítulo 25	66
BRIZOLA ASILADO, NO URUGUAI, REATIVA	
OS GRUPOS DOS ONZE	66
Capítulo 26	68
O PARADEIRO DE BRIZOLA	68
Capítulo 27	70
A CIA E AS REVOLUÇÕES DE 1961 E 1964	70
Capítulo 28	71
BRASIL, UM NECESSÁRIO ALIADO DOS	
ESTADOS UNIDOS	71
Capítulo 29	73
OS INTERESSES DOS AMERICANOS.....	73
<u>Capítulo 29</u>	Erro! Indicador não definido.3
<u>OS INTERESSES DOS AMERICANOS</u>	

Capítulo 1

O SURGIMENTO DO COMUNISMO NA AMÉRICA LATINA

O comunismo nasceu no Brasil e na Argentina em decorrência da exploração sofrida pelos trabalhadores imigrantes, tanto das lavouras como das indústrias, no início do século XX. Os patrões os submetiam a salários de fome, sujeitando-os a viver em cortiços. No campo, os trabalhadores mal viam a cor do dinheiro dos seus salários, eis que eram obrigados a se abastecer nas cooperativas das fazendas, sendo explorados face os preços aviltantes que eram cobrados, de tal forma que, no fim do mês, quase nada restava a receber.

Essa exploração, tanto dos industriais como dos fazendeiros, foi o motivo do surgimento e crescimento do comunismo na América Latina, liderados por alguns poucos comunistas, vindo

da Europa como imigrantes, especialmente da Itália e da Espanha.

Capítulo 2

A EVOLUÇÃO DO COMUNISMO NO BRASIL

No Brasil, durante os 19 anos em que o presidente Getúlio Vargas liderou o Brasil, o mesmo conseguiu controlar o movimento comunista, com muita astúcia e determinação, designando o capitão do exército Luis Carlos Prestes para comandar aquele movimento, para melhor poder controlá-lo.

A verdade, por incrível que pareça, como iremos relatar futuramente num próximo livro, ainda por ser escrito, é que Luis Carlos Prestes nunca foi comunista! Prestes como um prestigiado ex-militar e leal ao Brasil, foi designado por Getúlio para comandar o comunismo, a fim de melhor controlá-lo, como também para o Brasil ter um vínculo com Moscou, eis que na época a Rússia começava a despontar como uma potência mundial.

Tanto isso é verdade, que Prestes, líder da intentona comunista de 1935, após a derrota do movimento, não foi executado, tendo “ficado” na cadeia ou mais provavelmente, numa linda fazenda, fortemente vigiado. Com a queda de Getúlio em 1945, o partido comunista foi tirado da ilegalidade e Prestes acabou eleito Senador, com a maior votação do país.

Após a eleição do marechal Eurico Gaspar Dutra, como presidente do Brasil, seu governo acabou colocando os comunistas na ilegalidade, tendo sido cassados os mandatos dos parlamentares comunistas, inclusive de Prestes, que acabou se exilando na Rússia.

Dutra foi sucedido pelo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, um grande demagogo, durante o qual houve um afrouxamento da perseguição aos comunistas, chegando ao ponto de vários militares subalternos, como cabos e sargentos, aderirem àquele movimento.

Foi nessa época que o político João Goulart ganhou força junto às classes trabalhadoras e junto a alguns poucos militares.

João Goulart não era um comunista, mas sim um demagogo como Getúlio e Juscelino, que compactuava com os comunistas, entre os quais muitos sindicalistas, e se deixava ser carregado nas costas pelos trabalhadores.

Jango se aproveitou do enorme prestígio do presidente Getúlio Vargas, que era muito querido pelos trabalhadores do Brasil, dizendo-se ser seu afilhado.

Acontece que Getúlio era muito astuto e nunca se deixou dominar pelas massas que o veneravam. Jango ao contrário, era dominado pelos trabalhadores que o manipulavam, para obter vantagens.

Jango, na verdade, era um grande latifundiário, possuindo várias fazendas no estado do Rio Grande do Sul.

Enfim, Jango representava um sério perigo à tomada do poder pelos comunistas, no Brasil, e via de consequência em toda América Latina.

Capítulo 3

A IMPORTÂNCIA DO BRASIL NOS RUMOS DA AMÉRICA LATINA

Além da super extensão de seu território, o Brasil mantém divisas com sete diferentes países, de tal forma que, se um dia, o Brasil for dominado pelos comunistas, estes acabarão, em pouco tempo, se apoderando de mais sete países.

Como os americanos costumam dizer, “para onde for o Brasil, o resto da América Latina segue atrás.”.

Capítulo 4

OS ESTADOS UNIDOS E A AMEAÇA DO COMUNISMO NO BRASIL

É pura ilusão pensar que os Estados Unidos não se envolveram nas revoluções de 1961 e 1964.

As grandes nações, ao longo da história, desde os grandes impérios do passado, sempre planejaram com muita antecedência os acontecimentos futuros, com 50, 100 e até 300 anos à frente.

É pura ilusão pensar que isso não tenha ocorrido com os EUA. O Império Romano, vendo o inevitável crescimento do cristianismo, planejou, desde o ano 70 de nossa era, uma estratégia para poder um dia, assumir o cristianismo como a religião oficial do império, o que acabou ocorrendo no ano de 368 da era cristã, quando o imperador romano

Constantino, fundou a igreja católica e assumiu o título de Papa do Oriente, com base nos princípios cristãos. Há quem afirme que o famoso e venerado apóstolo Paulo, como um ex-capitão do exército romano, que chefiava um pelotão, destinado a matar cristãos, nos anos 70, teria recebido dos senadores romanos a missão de evangelizar todos os habitantes daquele império, tendo, para tanto, percorrido todo o território do Império Romano. Terminada a sua missão, Paulo, já um ancião, voltou para Roma, onde, em pouco tempo, acabou por ser decapitado! O que ocorreu com Paulo foi, simplesmente, uma “queima de arquivo”, eis que as pessoas idosas falam muito e não mantêm segredos, e Roma não podia deixar que a missão, atribuída ao “venerado Apóstolo”, caísse no conhecimento das populações convertidas.

Os Estados Unidos, como não poderia deixar de ser, zelam com todas as suas forças para que a América Latina não caia na mão dos

comunistas, tomando providências com anos de antecedência.

Com seu tremendo poder os Estados Unidos nunca deixarão que o Brasil adote um regime comunista, custe o que custar. E por isso nós temos que dar graças pela determinação política americana, que nos protege contra o comunismo e não deixará que aconteça no Brasil o que vem ocorrendo na Venezuela e com Cuba, eis que o resto das nações da América do Sul seguirão o Brasil para qualquer lado que ele for.

Capítulo 5

A AGÊNCIA AMERICANA DE INTELIGÊNCIA (CIA) PLANEJOU AS DUAS REVOLUÇÕES DE 1961 E 1964

Visando proteger o Brasil do regime comunista, os Estados Unidos, através de sua Agência Central de Inteligência – CIA, planejou com muita antecedência a formação de agentes da mesma, entre militares e políticos brasileiros.

Esses agentes eram recrutados entre os militares brasileiros, que faziam estágios nas forças armadas americanas, geralmente coronéis, que permaneciam vários meses nos Estados Unidos para cumprir esses estágios. Foram esses coronéis que permitiram a vitória das forças do 3º Exército, liderados por Brizola, também um agente da CIA, como iremos ver mais à frente.

Capítulo 6

A AMEAÇA DE JANGO GOULART SE TORNAR PRESIDENTE DO BRASIL EM 1964

Tudo indicava que Jango, com a sua política demagógica, iria se eleger para presidir o Brasil, após o término do mandato do Presidente Jânio Quadros, em 1964.

Com toda sua demagogia, grande trânsito com os trabalhadores, namoro com os comunistas brasileiros e com as nações comunistas, como a China e a Rússia, as chances de assumir o governo brasileiro eram muito grandes e os Estados Unidos, em hipótese alguma, poderiam deixar que isso acontecesse.

O plano da CIA era para impedir que o prestígio de Jango crescesse junto às massas e ele acabasse eleito Presidente do Brasil em

1964, sob um regime que em muito pouco tempo se tornaria comunista.

Capítulo 7

A CIA PLANEJOU PARA QUE O JANGO ASSUMISSE COMO PRESIDENTE LOGO EM 1961, ANTES QUE PROMOVESSE GRANDES VÍNCULOS COM AS NAÇÕES COMUNISTAS

Para tanto havia a necessidade de duas importantes ações:

- a primeira seria a renúncia do Presidente Jânio Quadros

- a segunda seria a posse do vice-presidente João Goulart (Jango), como presidente.

Essas duas ações exigiriam várias providências do Embaixador Americano no Brasil e dos agentes locais da CIA.

Capítulo 8

A RENÚNCIA DO PRESIDENTE JÂNIO QUADROS EM 1961

Jânio Quadros que sucedeu o presidente Juscelino, nos poucos meses de seu mandato demonstrou ter sido uma ótima escolha do povo brasileiro, eis que, logo no início corrigiu várias irregularidades do seu irresponsável antecessor e, assim, prometia fazer um ótimo governo.

Ocorre, todavia, que Jânio não tinha como neutralizar o crescimento do prestígio do demagogo Jango, junto à classe operária. Jânio, então, foi convencido pela CIA a renunciar ao mandato para que Jango fosse empossado, e seu governo fosse desmoralizado, antes que o prestígio dele crescesse muito junto à classe trabalhadora. Nesse prematuro mandato, Jango seria

desmoralizado como governante e depois seria apeado do poder.

Para implementação do plano secreto o presidente Jânio Quadros teria que renunciar de imediato, sem naturalmente revelar a verdade dos fatos para a população.

Como um verdadeiro patriota o presidente Jânio Quadros aderiu ao plano, renunciou ao seu mandato, sem explicar os verdadeiros motivos da renúncia, deixando estupefatos todos os políticos e toda a nação brasileira.

Capítulo 9

A RECUSA DOS MINISTROS MILITARES QUANTO A EMPOSSAR JANGO COMO PRESIDENTE

O presidente Jânio Quadros, quando assumiu o governo, fez várias alterações nos comandos militares, a começar dos seus ministros. Eles eram visceralmente contra o Jango, por causa de seu namoro com a esquerda e as nações comunistas.

Em vista disso os três ministros, do exército, da marinha e da aeronáutica, não podiam admitir a posse de Jango como Presidente da República do Brasil. Eles não eram agentes da CIA e, portanto, não conheciam seus planos.

Capítulo 10

A REVOLTA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL E DO 3º EXÉRCITO – A REDE DA LEGALIDADE

O governador Leonel Brizola, um agente da CIA, e os coronéis comandantes das unidades do exército, existentes no Rio Grande do Sul, na sua maioria simpatizantes da agência americana, se posicionarem pela defesa da posse de Jango.

Foi organizado então um movimento denominado de “Rede da Legalidade”, que mobilizou toda a população gaúcha, bem como estações de rádio, com ondas que alcançavam boa parte do país. O general Machado Lopes, comandante do 3º exército, que a princípio era contra a posse de Jango, acabou aderindo ao movimento. O 3º exército era composto das

tropas sediadas no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Capítulo 11

A DIVISÃO DAS FORÇAS ARMADAS

As várias unidades das forças armadas, em todo o país, depois de alguns dias de impasse, foram instadas a se posicionar, se apoiavam ou não o 3º exército.

Algumas unidades do exército localizadas principalmente no Estado de São Paulo, receberam ordens para se deslocarem para a fronteira com o estado do Paraná, para enfrentar as tropas do 3º exército.

Algumas se recusaram, caso do 2º GCAN 40 antiaéreo, sediado em Barueri-SP, onde na ocasião, o autor cumpria estágio de três meses para ser promovido de aspirante a oficial da reserva R/2.

Diga-se de passagem, que eu, na época, como não conhecia os planos da CIA, era contra a

posse de Jango aquele político manipulado pelos comunistas.

Houve unidades a favor do 3º Exército, que para não contrariarem a ordem dos ministros militares, se deslocaram para o sul, mas não levaram as munições! Só vivendo uma revolução, como a de 1961, que eu vivi, durante toda sua duração de 17 dias, pode-se imaginar o que se passa pelas cabeça dos militares.

Capítulo 12

O DILEMA CRUCIAL DA OFICIALIDADE DE TER QUE DECIDIR QUE LADO APOIAR

Em toda revolução os oficiais das forças armadas têm que, no tempo oportuno, decidir de que lado querem lutar. É um sistema democrático adotado nas forças armadas que, todavia, pode trazer grandes prejuízos para a carreira de um oficial.

Na unidade em que eu estagiei por três meses (de julho a setembro de 1961), quase no final da revolução, seu comandante, coronel Celso Freire de Alencar Araripe, numa madrugada, convocou a oficialidade para uma reunião num salão da unidade e informou que havia recebido ordens do alto comando, que operava em Quitaúna-SP, para deslocar nossa unidade para a fronteira com o Paraná. Explicou, então, o comandante que era contra

ter de lutar contra os irmãos do 3º Exército, em face disso, propôs que a nossa unidade não enfrentasse aquele exército, mas que continuasse mobilizada, patrulhando os pontos estratégicos da cidade de São Paulo, como vinha fazendo há vários dias. Na votação, a grande maioria da oficialidade, com cerca de 22 oficiais, inclusive os 9 aspirantes, votou a favor da proposição do comandante. Apenas três oficiais votaram contra, sendo que eu me recordo muito bem, um capitão, já de uma certa idade, muito amigo dos aspirantes, votou contra a proposta do comandante, tendo ficando com o rosto rubro de sangue, face à crítica decisão que estava tendo de tomar.

Nenhum dos oficiais de nossa unidade sabia que o movimento para empossar Jango fazia parte de um plano para derrubá-lo mais à frente. Se soubessem, todos votariam a favor do 3º Exército, menos o comandante, pelas razões que iremos expor mais a frente.

Somente eu, dentre toda a oficialidade, tomei conhecimento, naquela noite, de um ofício que o comandante Araripe expediu para 3 quartéis do estado de São Paulo, comunicando sobre o posicionamento de nossa unidade e dando vivas ao 3º exército. Se o coronel conhecia os planos da CIA, ou não, não ficamos sabendo. O fato é que os oficiais que votaram a favor do comandante acabaram tendo suas carreiras prejudicadas, como foi o caso do então “brilhante” capitão Élio Caldas, comandante da minha bateria, que não passou do posto de coronel.

Por esses motivos eu dou um enorme valor a todos oficiais das forças armadas que estão sujeitos, num episódio de revolução, a ter de optar, por um lado ou outro, sem pleno conhecimento dos fatos, podendo, conforme sua opção, acabar prejudicando uma brilhante carreira militar.

Capítulo 13

A DECISÃO DO AUTOR

O autor na época tinha vinte e dois anos de idade, já havia seis anos que trabalhava na Esso Brasileira de Petróleo onde, na ocasião, já ocupava o cargo de chefe da seção de vendas de produtos químicos, eis que era formado como Técnico Químico Industrial, desde 1959. Leitor assíduo de jornais, desde os 16 anos de idade, tinha muito mais discernimento político do que os demais 8 aspirantes, que ainda eram só estudantes universitários.

O autor, na época, já era visceralmente contra o demagogo Jango Goulart e por conseguinte era contra a posse do mesmo como presidente do Brasil.

Aconteceu que, na noite daquela reunião, eu me encontrava comandando 22 homens

num posto de metralhadora, à margem da rodovia que passava ao lado da unidade, e acabei sendo chamado para a decisiva reunião, com um certo atraso, razão pela qual adentrei o salão, cerca de 20 minutos após a mesma ter sido iniciada, ficando posicionado como o último aspirante do semicírculo, formado por todos os oficiais partindo do de maior patente até o de menor posto. Se eu não tivesse chegado atrasado, eu teria ocupado o 1º lugar dentre os aspirantes, eis que era o de maior idade.

Minha vontade era ter votado contra a posição do comandante da unidade, ou seja, ser a favor de deslocar a unidade para a fronteira do Paraná. Contudo, vendo que a grande maioria dos oficiais estavam votando a favor da proposição do cel. comandante da unidade, eu decidi votar com a maioria, eis que como aspirante, com pouco tempo de experiência numa unidade do exército, eu enfim, não tinha obrigação de decidir por aquilo

que achava o mais certo. Em função disso minha decisão acompanhou o voto da maioria, inclusive de todos os demais oito aspirantes.

Essa minha decisão, felizmente, não impediu que, terminado o estágio na tropa, de três meses, eu tivesse a honra de ser promovido a 2º tenente R/2 e via de consequência, recebido minha carta patente de oficial do Exército Brasileiro a qual, infelizmente, acabou sendo assinada pelo presidente João Goulart.

Capítulo 14

O QUE ACONTECEU APÓS DECIDIRMOS POR NÃO LUTAR CONTRA O 3º EXÉRCITO

O comandante encerrou a reunião com a oficialidade dando ordens para que recolhessem todos os armamentos e esperássemos pelo que iria acontecer. Isso ocorreu cerca de 2 ou 3 horas da madrugada. Todos os oficiais achavam que nós seríamos presos por não obedecermos a ordem dos ministros militares. Eu e o capitão Caldas, cada um pegou um jipe e nos dirigimos para o centro do município de Barueri, que na época não passava de um pequeno vilarejo.

Todos os oficiais, que votaram com o comandante da unidade, achavam que nós seríamos levados presos para algum navio-presídio.

Em função disso o capitão Caldas se dirigiu para a vila dos oficiais que se situava ao lado do centro do vilarejo, para se despedir da família e pegar uniformes extras.

Eu, por outro lado, me dirigi para a padaria, único local que possuía um telefone, em todo aquele município. Tive que acordar o padeiro, eis que já passava das duas horas da madrugada. Não consegui ligar para os meus pais, para colocá-los a par dos acontecimentos, eis que, a linha telefônica havia sido cortada pelo comando localizado em Quitaúna, município este localizado entre a cidade de São Paulo e Barueri, por onde passavam os cabos telefônicos.

Frustrado no meu intento, peguei o jipe e voltei para o quartel, para poder dormir um pouco.

O capitão Élio Caldas, quando saía de sua casa, foi paralisado por um caminhão, com vários soldados, comandado por um 2º tenente, proveniente de Quitaúna. Do referido

caminhão, parado na entrada da vila dos oficiais, o tal 2º tenente “porra louca”, que havia deixado nossa unidade, após votar contra a proposta do nosso comandante, deu uma rajada de metralhadora para o alto na direção do capitão Élio Caldas.

O capitão então gritou “não precisa atirar porque eu estou desarmado”. Ele então foi preso e recolhido ao 2º GCAN 90, em Quitauína.

A vila dos oficiais era um conjunto de pequenas casas dispostas em forma de ferradura, com uma ampla praça em frente que, na época, não tinha melhoramentos, sendo apenas uma área de terra batida.

Naquela fatídica madrugada, todas as esposas dos oficiais se postavam em frente as suas casas, ansiosas por notícias dos fatos que ocorriam em nossa unidade. Imagine o desespero das esposas ao presenciar o que ocorreu com nosso querido capitão Élio

Caldas, que diga-se de passagem, faleceu há poucos meses.

Aquele “2º tenentinho” tinha sido incorporado a nossa unidade poucas semanas antes da eclosão da revolução, para ser um espião do alto comando de Quitauína.

Ele, na verdade, era um mero “porra louca”, que votou contra o nosso comandante, e não tinha tido boa receptividade por parte dos nossos oficiais, que conheciam sua fama.

Havia também um major paraquedista chamado Ronaldo da Cunha Raposo, que a mando de Quitauína, assumiu, três meses antes da eclosão da revolução o posto de subcomandante de nossa unidade. Tratando-se da pessoa de mal caráter, ele também não foi bem aceito pela oficialidade por possuir uma história de vida muito violenta.

Naquela tumultuada madrugada, eu enfim, consegui conciliar alguns poucos minutos de sono, quando de repente, fomos acordados pelos soldados, que chamavam nossa atenção

para o fato de nosso quartel estar cercado por tanques.

Nossa unidade era localizada junto à pequena comunidade de Barueri, num pequeno vale cercado de todos os lados por pequenas montanhas.

Nos altos das mesmas podíamos observar vários tanques, com seus canhões bem à mostra.

Nossa unidade não tomou nenhuma atitude. Lá pelo meio da manhã, chegaram vários oficiais de alta patente, inclusive o referido major Ronaldo, para assumirem o comando do aquartelamento.

Todos os oficiais, inclusive os aspirantes, ficaram presos dentro do quartel, com livre locomoção por todas as suas dependências.

O nosso ex-comandante, o cel. Celso Freire de Alencar Araripe, foi preso e removido de nossa unidade para um paradeiro desconhecido. Nunca mais tive notícias dele. Parecia ser um bom homem, que

desempenhava muito bem as suas funções, sendo muito respeitado pela oficialidade da nossa unidade.

Quando escrevia este livro, trocando ideias com um general muito meu amigo, ele me informou que o cel. Araripe não conseguiu ser general porque era apoiador do Jango, segundo seu primo o Cel. Luis Celso de Alencar Araripe, muito atuante na revolução de 1964.

Enquanto ainda estava servindo no exército, em 1961, fiquei sabendo que os ministros militares, anteriormente haviam convocado o Cel. Celso Freire de Alencar Araripe, por três vezes, ao Rio de Janeiro, para ser destituído do comando da nossa unidade e que o Cel., nas três oportunidades, adotou a estratégia de antes de comparecer ao ministério de guerra, passar pela casa do antigo Gal. Segadas Viana, muito seu amigo, e este, com seu grande prestígio, conseguia, via telefone, suspender a ordem dos ministros.

Nós ficamos presos por cerca de 30 dias, depois a vida da unidade voltou ao normal e pudemos dormir em nossas casas.

Nesse período de prisão, meus pais tiveram de se deslocar de São Paulo até Barueri para poder me ver.

Capítulo 15

O DIA A DIA DO AUTOR, DURANTE O CURTO PERÍODO DE DURAÇÃO DA REVOLUÇÃO DE 1961 (17 DIAS)

O 2º GCAN 40 antiaéreo operava com quatro baterias, ou seja, 3 de Tiro e uma de Comando e Serviços. Os nove aspirantes foram alocados da seguinte forma: dois em cada bateria de Tiro, num total de 6 aspirantes; eu e mais dois aspirantes fomos para a bateria de Comando e Serviços, sob o comando do saudoso capitão Élio Caldas.

Logo no início da revolução as três Baterias de Tiro foram designadas para ocuparem pontos estratégicos da cidade de São Paulo, tais como pontes e edifícios públicos. Por sua vez, a minha Bateria de Comando e Serviços ficou encarregada de patrulhar nosso quartel. Para tanto, os 3

aspirantes da bateria mais dois segundos tenentes, faziam rondas a cada duas horas, percorrendo todas as dependências do quartel e suas divisas. Em vista da necessidade de estarmos sempre prontos para qualquer ocorrência, só tirávamos nossos coturnos dos pés na hora do banho.

Numa das rondas que eu fazia, altas horas de uma noite, ao passar em frente de um paiol de munições, percebi uma réstia de luz pelo vão de uma porta do paiol. Olhando por aquela fresta eu vi um 1º Tenente de minha bateria conversando com sargentos. Nada fiz, então, e prossegui rondando o quartel.

Naquela época comentava-se que havia muitos sargentos comunistas nas forças armadas. relatei o fato para o Capitão Élio Caldas, comandante da minha bateria e depois não fiquei sabendo que providencias ele tomou. A realidade é que não

conseguíamos saber quem era quem, dentro de nosso quartel.

Por precaução, eu dormia com a minha pistola embaixo do meu travesseiro, sabedor dos fatos ocorridos na intentona comunista de 1935, durante a qual alguns oficiais foram mortos enquanto dormiam.

Enfim, a oficialidade do nosso quartel passou aqueles 17 dias de duração da revolução na completa ignorância da evolução dos acontecimentos, mais uma razão para enaltecermos os oficiais militares que na hora H são obrigados a tomar uma decisão sobre que lado apoiar, sem, todavia, terem pleno conhecimento dos fatos. Decisões essas que podem prejudicar brilhantes carreiras militares.

Particularmente em 1961, era impossível saber que o Brizola e o 3º Exército executavam um plano ultrassecreto para empossar Jango, a fim de mais à frente desmoralizar o seu governo, de modo que o

mesmo caísse de podre, conforme acabou ocorrendo, em março de 1964.

A maioria dos oficiais das forças armadas, em 1961, era contra o Jango e em vista disso, não aceitavam a posse do mesmo. Eles nunca poderiam imaginar a ocorrência do citado plano da CIA, que requeria que o Jango logo assumisse o governo, para que pudesse ser desmoralizado, antes que angariasse mais prestígio e, então, ficasse mais difícil apeá-lo do poder.

Durante o dia, o ambiente no quartel era monótono, ficando a oficialidade conversando nos pátios da unidade sobre os rumos dos acontecimentos. O pouco que ficávamos sabendo chegava pelas transmissões da rede da legalidade, montada no Rio Grande do Sul, pelo governador Leonel Brizola. Essas transmissões de rádio, todavia, pouco informavam sobre o verdadeiro rumo dos

acontecimentos. Na realidade a oficialidade era mantida numa quase total ignorância sobre a revolução.

O comandante da nossa unidade pouco conversava com a oficialidade. A unidade não tinha telefone nem aparelho de TV. Os vários capitães conversavam com a oficialidade nos pátios do quartel. Eu me lembro de um deles dizer que a aeronáutica deveria bombardear o palácio do governo gaúcho. Esse oficial, para minha surpresa, na hora H, não votou pela luta contra o 3º Exército.

Capítulo 16

COMO TERMINOU A REVOLUÇÃO DE 1961

Face a expressiva divisão das forças armadas os ministros acabaram por ter que concordar com a posse de Jango, todavia lograram impor algumas condições:

O regime do país passaria a ser parlamentarista, com a escolha de um 1º ministro, ficando Jango como presidente, mas sem todos os poderes de um regime presidencialista.

Entretanto, a escolha do 1º ministro acabou caindo no parlamentar Tancredo Neves, um demagogo, que foi um fervoroso apoiador do presidente Getúlio Vargas. Tancredo tinha inclinações a favor das esquerdas e, portanto, um apoiador de Jango.

Capítulo 17

COMO JANGO CONSEGUIU A VOLTA DO REGIME PRESIDENCIALISTA

Depois de passado algum tempo, Jango inconformado por não ter nas mãos todo o poder de um presidente de um regime presidencialista, acabou conseguindo que se aprovasse a convocação de um plebiscito para que o povo decidisse optar por qual regime adotar, o parlamentarista ou o presidencialista.

Jango fez uma vasta campanha pela volta do regime presidencialista, não havendo ninguém fazendo o mesmo pela manutenção do então regime parlamentarista.

Não deu outra, a maioria da população, analfabetos políticos, votou pelo regime presidencialista, que era almejado por Jango.

Capítulo 18

COMO O GOVERNADOR BRIZOLA ATUOU PARA A QUEDA DO PRESIDENTE JANGO

De acordo com os planos da CIA, havia necessidade de dinamitar o governo Jango!

Para tanto, Brizola agiu com muita eficácia, expropriando as mais importantes empresas estrangeiras que atuavam no Estado do Rio Grande do Sul. Dentre elas, as empresas de energia elétrica e telefonia, todas de capital inglês e canadense, os maiores grupos estrangeiros que investiam no Brasil.

Para os investidores estrangeiros, foi um fortíssimo aviso para que parassem de colocar dinheiro no Brasil, e foi isso que exatamente aconteceu.

Os investimentos eram vitais, como sempre serão, para o desenvolvimento de nosso país.

O presidente Getúlio Vargas cometeu um terrível erro ao traçar uma política contra os investimentos estrangeiros, optando, preferencialmente, por estatais.

Isso acabou atrasando sobremaneira o desenvolvimento de nosso país, distanciando-o algumas décadas dos Estados Unidos. Mal sabia Getúlio que contar com empresas públicas é um grande atraso de vida.

A paralização total da entrada de capitais estrangeiros trouxe enormes prejuízos para o governo Jango.

As expropriações de Brizola acabaram causando enormes prejuízos a imagem internacional do governo de Jango.

Capítulo 19

A CONTRIBUIÇÃO DAS FEDERAÇÕES E DOS GRANDES SINDICATOS DE TRABALHADORES PARA A QUEDA DE JANGO

As federações e os grandes sindicatos dos trabalhadores orquestraram um contínuo festival de greves, que paralisou a cidade do Rio de Janeiro pelos longos meses que precederam o dia da queda do Jango!

Um belo dia os ferroviários entravam em greve, logo em seguida, outras grandes categorias de trabalhadores, em solidariedade, também a decretavam. Terminada a greve dos ferroviários, logo em seguida começava a dos marítimos, com o apoio e adesão, dos aviários e outras categorias. Enfim, era uma insuportável sucessão de greves que durou cerca de dois anos ou mais, acabando por

colocar o povo contra o governo. A desestabilização do Jango, em vista do exposto, caminhava a passos largos. Essa sucessão de greves na verdade era orquestrada pela CIA que possuía vários sindicalistas como seus membros.

O autor, que vivia na cidade do Rio de Janeiro naquela época, sofreu os efeitos dessas paralizações, que prejudicavam toda população da cidade onde, aliás, Jango passava a maior parte dos seus dias despachando com os sindicalistas.

O leitor pode estranhar quando o autor afirma que vários sindicalistas eram ligados a CIA.

Quando era Presidente de Sindicato de Trabalhadores, cheguei a participar de um coquetel na casa do Adido Trabalhista do Consulado Americano em São Paulo, ao qual compareceram vários sindicalistas.

Esses eventos, naturalmente, visavam estreitar os relacionamentos do Governo Americano com os sindicalistas brasileiros.

Conseqüentemente, alguns vínculos de cooperação eram criados em decorrência desses contatos.

Capítulo 20

JANGO, UM BOBO NA CORTE

Como sindicalista tive a satisfação de conviver com o Dr. Samuel Powell e Claret. Ele era assessor do presidente da Federação dos Trabalhadores no Comércio de Minérios e Petróleo do Estado de São Paulo, do qual eu fui diretor junto com o saudoso e competente presidente, João Danino.

O Samuel era um advogado, de cor, de nacionalidade cubana, tendo nos anos que precederam a revolução de Fidel Castro, atuado, durante muito tempo, como representante dos trabalhadores de Cuba, na OIT – Organização Internacional do Trabalho, em Genebra. Formado em direito, Samuel era uma pessoa de grande inteligência e experiência de vida. Com o advento do governo de Fidel Castro, Samuel teve que fugir de

Cuba, com seus dois filhos, oriundos de um 2º casamento com uma sueca, da qual ele tinha se divorciado. Em Cuba, Samuel acabou por ter de lá deixar, seis outros filhos, provenientes de um primeiro casamento, com uma cubana. Fugindo de Cuba o dr. Samuel acabou vindo para o Brasil, como Adido Trabalhista, no Consulado Americano, no Rio de Janeiro, posto que conquistou face as boas relações que possuía com as grandes federações americanas de trabalhadores.

Todo o histórico acima, do saudoso dr. Samuel, visa demonstrar ter sido um homem sábio e confiável, merecedor de ouvirmos seus relatos.

Pois bem, acabei cansando o caro leitor sobre uma pessoa que não se envolveu na derrubada do Jango Goulart, mas que nos contou fatos que merecem ser aqui relatados.

Como adido trabalhista do consulado americano no Rio de Janeiro, o dr. Samuel tinha livre acesso ao gabinete do presidente

Jango, no Palácio das Laranjeiras, naquela cidade maravilhosa. Nas duas ou três vezes em que estive com o Jango, o dr. Samuel presenciou a tremenda pressão que os sindicalistas, todos ligados à CIA, exerciam sobre o presidente, demonstrando que ele era um mero joguete na mão dos mesmos, ou seja, um verdadeiro “bobo da corte”.

Capítulo 21

OS ÚLTIMOS DIAS DO GOVERNO JANGO

O comício de Jango na praça em frente da estação da Central do Brasil, foi o último. Aquele comício foi repleto de manifestações comunistas que colocaram os militares de prontidão.

Naquela mesma ocasião, liderados pelo cabo Anselmo, agente da CIA, vários marinheiros deixaram um belo dia de prestar continência a oficiais da marinha. Esse pequeno episódio colocava todos os oficiais das 3 armas de sobreaviso.

Paralelamente, realizou-se em São Paulo a famosa “Marcha com Deus pela Liberdade”.

A mesma foi prestigiada com a participação de milhares homens e mulheres, sendo o sinal da sociedade para dar um basta nos desmandos de Jango.

Capítulo 22

AS TROPAS DE JUIZ DE FORA ASSUMEM O PODER NO RIO DE JANEIRO

Sob o comando do general Mourão Filho, simpatizante da CIA, as tropas de Juiz de Fora - MG, se deslocam para a cidade do Rio de Janeiro no dia 31/3. Não encontram qualquer resistência, das tropas do exército, marinha e aeronáutica.

Teve início a revolução de 1964, uma decorrência da de 1961, que criou condições para desconstruir o prestígio de Jango no seu governo que durou 3 anos e 3 meses.

Capítulo 23

O GRANDE GENERAL CASTELO BRANCO ASSUME O PODER

Como um dos comandantes da revolução de 1964, o grande e saudoso general Castelo Branco assume o poder e comanda a execução de grandes reformas no país, com a valiosa colaboração do ministro Roberto Campos.

Essas reformas, realizadas em apenas 3 anos, duração do governo de Castelo Branco, foram maiores que todas as executadas nos 50 anos, que precederam 1964.

Que Deus mantenha em bom lugar o general Castelo Branco, como também o ministro Roberto Campos.¹

¹ Para aquelas pessoas que querem conhecer melhor o governo do gal. Castelo Branco, recomendamos a leitura do excelente livro “A lanterna na popa”, em 2 volumes, de autoria do ministro Roberto Campos, livros esses encontráveis nos sebos.

Capítulo 24

O ASSASSINATO DO GENERAL CASTELO BRANCO

O general Castelo Branco morreu quando viajava num pequeno avião, no nordeste de nosso país.

Um caça da aeronáutica foi de encontro ao seu avião colidindo com a ponta de uma asa. Isso provocou a queda do mesmo, matando o saudoso ex-presidente e os demais ocupantes.

Há quem afirme que essa colisão teria sido proposital, para tirar a vida de Castelo.

O caça era pilotado, coincidentemente, por um cadete da aeronáutica, filho do importante General Malan, que tinha sido chefe do Estado Maior do Exército.

Castelo teve muitos opositores, inclusive nas forças armadas e poderia querer reassumir o poder.

Portanto, precisava ser eliminado, uma vez que a ala militar que o sucedeu já estava com dificuldade para liderar a revolução, desgastando-se cada vez mais com a continuidade do regime de exceção.

Essa versão nunca foi confirmada, mas tem gente que a considera verossímil.

Ela, todavia, em absoluto não procede, eis que o Gal. Malan era um reconhecido Castelista, não tendo motivo, em absoluto, para participar de qualquer esquema contra o ex-presidente.

Capítulo 25

BRIZOLA ASILADO, NO URUGUAI, REATIVA OS GRUPOS DOS ONZE

Após a queda do Jango, o ex-governador Brizola, tido como um seu “aliado”, para não ser preso se asilou no Uruguai.

Continuando a trabalhar para a CIA e para o bem do Brasil, passou a reativar os seus “Grupos dos Onze”, que haviam sido criados em 1963. Esses grupos consistiam, cada um, de onze guerrilheiros comunistas, que adentravam o território brasileiro, com a missão de causar grandes danos ao nosso país, como por exemplo dinamitando pontes e derrubando torres de transmissão de energia elétrica. Para essas ações, Brizola teria recebido 5 milhões de dólares do ditador Fidel Castro.

Acontece que Brizola, que liderava esses grupos, fornecia todos os equipamentos e

explosivos necessários, planejando com eles os alvos a serem atingidos no território brasileiro

Conhecedor dos trajetos desses grupos, Brizola fornecia às nossas autoridades o paradeiro de cada grupo. Todos os componentes dos vários grupos dos onze, acabaram sendo mortos pelo nosso exército.

Após terem sido dizimados, Brizola teria embolsado a maior parte da quantia recebida de Fidel.

Capítulo 26

O PARADEIRO DE BRIZOLA

Durante o período de exílio dos inimigos da revolução de 1964, Brizola saiu de cena, não dando à população ciência sobre o seu paradeiro.

Muitos acreditam que ele teria permanecido no Uruguai, onde possuía fazendas. O autor acredita que Brizola não ficou no Uruguai, eis que ali estaria sujeito a ser morto a mando de Fidel Castro, bem como também crê que ele, como agente da CIA, ficou todo o período do exílio nos Estados Unidos, vivendo disfarçado, sob outra identidade, até retornar ao Brasil após a anistia dada aos exilados políticos, ainda no período do governo militar do Gal. Euclides Figueredo.

De volta a política brasileira, Brizola conseguiu se eleger governador do Estado do

Rio de Janeiro, por dois mandatos consecutivos, naturalmente com a ajuda da CIA.

Capítulo 27

A CIA E AS REVOLUÇÕES DE 1961 E 1964

Após os militares de centro e direita terem assumido o governo brasileiro e Brizola ter dado por encerrada sua última missão, ou seja, de exterminar os grupos dos onze, a CIA, finalmente, pode dar como cumprida sua difícil missão de ter salvado a América Latina do comunismo.

Capítulo 28

BRASIL, UM NECESSÁRIO ALIADO DOS ESTADOS UNIDOS

Para não vir acontecer o que está ocorrendo com Cuba e a Venezuela, onde os regimes comunistas empobreceram as duas nações, é imperioso que nosso país permaneça unido à nação americana, o que aliás está sendo defendido pelo presidente Bolsonaro e sua equipe de governo, composta, em grande parte, por excelentes militares da reserva.

É necessário, também, que seja reativado o acordo de cooperação militar entre os dois países, respeitado a nossa soberania.

O acordo entre o Brasil e os Estados Unidos realizado durante a 2ª Guerra Mundial e mantido após a mesma, por vários anos, foi fundamental para a expansão de novos

horizontes aos militares brasileiros em termos de operacionalidade.

Capítulo 29

OS INTERESSES DOS AMERICANOS

Os americanos não mantêm, com nenhuma nação do mundo, laços de amizade a ponto de dar ajuda sem troca.

Isso se verifica muito bem em relação aos povos das américas latina e central.

Ajudas e intervenções nas américas visam tão somente a estratégica proteção contra a expansão do comunismo naqueles territórios, e nesse particular os americanos tem até falhado, como são os casos de Cuba e agora da Venezuela.

Aliás, em nosso mundo, não existem laços de amizade entre as nações!

OUTRAS OBRAS DO AUTOR

Além desta obra o autor também disponibiliza gratuitamente suas demais obras, que até o momento são as seguintes:

1 - “A República dos Cidadãos e Cidadãs”

Campinas – SP, Editora Delasylvio, 2020.

2 - “Motivação – A Famosa Teoria de
Maslow”

Campinas – SP, Editora Delasylvio, 2019.

Para obtê-las acessar o site:

adilsonazevedosilva.com.br

